

LEWOMAN

www.luxwoman.pt

**OS HOMENS
NÃO ENTENDEM
(MESMO)
AS MULHERES**

DESCOBRIU LUÍS PEDRO NUNES

**A DOIS
VIVER EM CASAS
SEPARADAS
É A SOLUÇÃO?**

**VIAGEM: IRLANDA
WEST CORK
40 TONS DE VERDE**

moda

- DO VERÃO PARA O OUTONO
- TENDÊNCIAS: PREVIEW

**summer
make-up**

DO SUNSET PARA A NOITE

Anabela Moreira

ATRIZ, DIRETORA DE TEATRO,
ARGUMENTISTA E REALIZADORA

*"Tão importante quanto a
alimentação é alimentar o espírito,
o conhecimento. São armas muito
poderosas. É muito importante
que as pessoas não deixem de ver
teatro, cinema, exposições..."*

**INFERTILIDADE
5 FACTOS QUE
PRECISA DE SABER**

**REPORTAGEM
DEVEMOS BEBER
LEITE?**



5 601073 016148



**SACO DE PRAIA
+ €3,99**

JOANA AS TOLFI

Duas exposições, uma em Lisboa e outra em Viseu, deram o mote para conhecer um pouco melhor a artista a quem chamam a “Joana Vasconcelos dos pobres”.

Por Miguel Simões

Uma das mais originais artistas contemporâneas, Joana Ascoli estará este verão dividida entre duas cidades nacionais: a sul, com a exposição “Six Impossible Things Before Breakfast”, em Lisboa; e a norte, com a intervenção numa espécie de *live/fest* cultural da Rua Direita (Esta Rua Não Acaba Aqui!), em Viseu, integrada na iniciativa Jardins Efêmeros (até 28 de julho). Apanhámo-la a um dia da inauguração do seu “pequeno-almoço” no Chiado Underscore, Espaço - Bairro Alto Hotel, na Rua das Flores, 100 (até 31 de julho).

Que pequeno-almoço é este? Alimento para a alma?

O meu pequeno-almoço nos últimos anos tornou-se um momento de trabalho com reuniões e *brainstorming* logo pela manhã, acompanhados de muita fruta, cereais, chá e torradinhas com mel. Para um combate de boxe, deve comer-se um bom bife antes do confronto. É incrível a quantidade de calorias e energia investidas na preparação de uma exposição como esta. É maravilhoso, mas extenuante. É uma exposição, um pequeno-almoço feito com amor. De dentro para fora.

O cinema de Miranda July é semelhante a si de que forma?

A estética cinematográfica de alguns realizadores, tais como a Miranda July e Wes Anderson, inspira-me no meu trabalho. Quando vi o filme “Me and You and Everyone We Know”, apaixonei-me pela Miranda e desde então tenho acompanhado todos os seus trabalhos. O que nos liga é a forma de olhar as coisas, a vontade de contar histórias através dos objetos, a atenção quase obsessiva ao pormenor, o trabalhar sempre a partir de um conceito, o amor pelo objeto, a celebração das imperfeições e o humor.

A forma como trabalha o usado e o abandonado é fascinante. Dizer “Joana Vasconcelos dos pobres” é uma boa forma de a apresentar?
É engraçado, porque hoje em dia está na moda ser pobre, chorar pelo descontinho, pelo preço justo de uma obra de arte. Aprendi que quem tem dinheiro não entra em grandes negociações nem regateias. Valoriza o trabalho do artista e as horas desperdiçadas pelos colaboradores e arte-

sãos envolvidos na execução de cada peça. O meu trabalho tem um valor material, mas inerente a isso existe o valor emocional de cada peça. Custa-me muito separar-me de algumas peças, outras têm vida própria, às vezes é a própria peça que escolhe o comprador. Ao celebrar o erro, acredito em dar uma segunda oportunidade às peças e aos objetos. Assusta-me a ideia da industrialização da arte, gosto de peças únicas, personalizadas. Muitas das minhas peças são feitas por encomenda e são *tailor-made* para esse cliente. As minhas peças têm vários *layers* de significados, gosto de brincar com as palavras. Por isso, compreendo quando me chamam “Joana Vasconcelos dos pobres”, e tenho orgulho na comparação, mas dá vontade de rir, e isso é fundamental na arte.

A sua arte vem de onde? Da rua ou da infância? Sempre foi assim, por natureza, *resolutora*?

O inútil é, muitas vezes, o meu ponto de partida. Objetos esquecidos, escondidos, obsoletos, abandonados, arrumados para um canto. Tento ver para além do pó, da decadência e, muitas vezes, da ausência de beleza. Às vezes, quando passeio pela Feira da Ladra, olho para as coisas em bruto e penso: “É tão mau que é bom!” Procuro descobrir o potencial que existe nelas. Potencial = capacidade de transformação. Esta transformação parte da história desse objeto, da sua verdade intrínseca. A minha história parte sempre dessa verdade e, muitas vezes, manifesta-se através de um simples *click*, um *twist* conceptual. Quando era pequena, colecionava miniaturas e fotografias antigas, inventava as histórias das personagens das fotografias. O meu brinquedo preferido era o *Viewmaster*, passava horas a viajar naquele caleidoscópio de imagens. Gostava de pintar por cima de quadros antigos, de escrever cartas de amor à máquina e de construir maquetas com miniaturas. Preferia brinquedos em segunda mão. Hoje, continuo a ser uma *collector* e uma *voguer*, coleciono gavetas e portas antigas, cadeiras e candeeiros *vintage*, diários de pessoas que não conheço... Tenho uma relação muito próxima com os objetos, preciso deles perto de mim. Gosto de passar pelas lojas da Baixa, gosto de padarias, mercearias, lojas de carimbos, drogeries que vendem tudo, gosto de cabeleiros antigos e de douradores, de me sentar ao balcão

e ouvir as histórias que os mais velhos têm para contar. Gosto de olhar para as coisas através de uma lupa.

Qual foi o pedido ou o conceito mais estranho que recebeu até hoje?

O pedido mais estranho que recebi foi o convite para ser *manager* de uma banda de *fiat*! O convite para fazer a cenografia da peça de teatro “História de Amor Sem Fim”, em Angola, também foi um grande desafio. Passei dois meses em Angola, em Luanda e nas províncias do Namibe, Lubango e Benguela. África é muito forte, messeu muito comigo. Convidaram-me também para dar formação em cenografia, falei sobre o potencial de transformação dos objetos (coisas que em África é natural, o reaproveitamento das coisas). Foi maravilhoso ver o sorriso e a “personalidade” das crianças ao verem as imagens que eu projetei de objetos transformados, objetos com uma “segunda vida”, objetos que saíram do lixo para a arte. Aprendi muito com eles.

O seu trabalho no [restaurante] Cantineiro do Avilez foi livre? O que é que a inspirou?

A cozinha do Zé Avilez e o seu conceito para este restaurante foram o meu ponto de partida para esta peça. O Zé *chamou-me*, pediu-me uma peça ligada ao *mood* do espaço e ao mundo *vintage* da cozinha portuguesa e deu-me carta verde para criar. Durante a obra do Cantineiro, escolhi uma parede e pedi para criarem um nicho dentro dela. O meu conceito foi a criação de um *puzzle* com centenas de objetos de cozinha em segunda-mão, comprados em mercados, de várias idiosincras, cores e formatos. A minha ideia era criar uma “manta gráfica” com os objetos, que, ao longo, se lesse como



‘Six Impossible Things Before Breakfast’.

RICARDO COSTA

uma mancha de diversas cores e formatos e, ao nos aproximarmos da peça, se começasse a pereber a leitura de cada objeto. A “Conversa Ainda Não Chegou à Cozinha” foi o nome que dei à peça, porque traz o mundo da cozinha para a sala de estar do Cantineiro e homenageia o melhor *chef* do País.

Fale-me um pouco de ‘Rua Direita (Esta Rua Não Acaba Aqui)’ em Viseu.

Durante séculos, a Rua Direita de Viseu foi o *shopping center* da cidade. Uma rua comprida e torta, com um comércio em cada porta, o ponto de encontro privilegiado de todo o distrito. Hoje,

a Rua Direita de Viseu é uma rua triste, esquelada, uma rua arrumada para um canto. Um espaço moribundo onde se multiplicam placas de “vende-se” e “arrenda-se”. “Isto já não dá para viver!”, gritam os proprietários das lojas. Hoje, assiste-se à morte lenta desta artéria e de todo o seu comércio tradicional. O projeto “Rua Direita (Esta Rua Não Acaba Aqui)” tem como principal objetivo a valorização do comércio tradicional desta rua através da revitalização de 15 lojas selecionadas. Vamos olhar para além do *mold*. Vamos procurar o potencial que existe em cada uma destas 15 lojas. Queremos evidenciar a ligação entre o antigo e o contemporâneo através de intervenções no interior das 15 lojas, tal como nas suas montas, nas fachadas e no *display* dos artigos para venda. Estas intervenções poderão manifestar-se através do tratamento ‘plástico’ dos espaços com uma pequena ‘cirurgia plástica’ no interior de algumas lojas, de instalações de arte ou da reinterpretção da imagem gráfica destes espaços de comércio. Não vamos reabilitar lojas inteiras, vamos criar apenas um ‘momento’ em cada loja, que celebre a sua história e a sua verdade. ●

